

**NAS LINHAS DA NOTÍCIA:
O DESPERTAR DE UMA
ESCRITORA ENCANTADA
- A CONTRIBUIÇÃO
TRANSGRESSORA DE
MARINA COLASANTI NA
IMPREENSA
DO *JORNAL DO BRASIL*
(1962-73)**

*IN THE LINES OF
THE NEWS: THE
AWAKENING OF AN
ENCHANTED WRITER -
THE TRANSGRESSIVE
CONTRIBUTION OF
MARINA COLASANTI IN
THE PRESS OF JORNAL DO
BRASIL (1962-73)*

**Sara Freitas Maia Silva (UNEMAT)¹
Madalena Aparecida Machado (UNEMAT)²
Nandara Maciel Leite Tinerel (UNEMAT)³**

1 Doutoranda em Estudos Literários pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários (PPGEL), da Universidade do Estado de Mato Grosso UNEMAT – Campus de Tangará da Serra. E-mail: silva.sara@unemat.br.

2 Pós-Doutora em Literatura Brasileira (Sorbonne); coordenadora do Programa de Pós-graduação em Estudos Literários (PPGEL) da UNEMAT – Campus de Tangará da Serra-MT e credenciada no Programa de Pós-graduação em Letras (PPGLetras) da UNEMAT – Campus de Sinop-MT. E-mail: dramadalena@unemat.br.

3 Doutoranda em Estudos Literários pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários (PPGEL), da Universidade do Estado de Mato Grosso UNEMAT – Campus de Tangará da Serra. E-mail: nandara.maciell@unemat.br.

Tecer era tudo o que fazia. Tecer era tudo o que queria fazer
Marina Colasanti (1982, p. 12)

Resumo: A produção jornalística de Marina Colasanti ainda é pouco explorada pela pesquisa acadêmica, devido ao seu destaque no panorama literário, que desde o início capturou a atenção da crítica. Este artigo tem como objetivo explorar a trajetória de Marina Colasanti como jornalista, destacando as características transgressoras de sua produção no *Jornal do Brasil* entre 1962 e 1973, período que marcou o início de sua carreira como escritora. Para isso, investigaremos as condições e motivações que a levaram ao jornalismo, além de abordar os vínculos entre imprensa e literatura no Brasil da época. A análise incluirá uma interpretação sucinta de textos significativos que moldaram sua trajetória no *Jornal do Brasil*, fundamentada em dados de pesquisa e nas próprias reflexões da autora sobre seu trabalho na imprensa.

Palavras-chave: Marina Colasanti; Literatura; Imprensa; Vida social; Jornal do Brasil.

Abstract: Marina Colasanti's journalistic work has been relatively unexplored in academic research, overshadowed by her prominence in the literary landscape, which has garnered critical attention from the start. This article aims to explore Marina Colasanti's career as a journalist, highlighting the transgressive features of her work in *Jornal do Brasil* between 1962 and 1973, a period that marked the beginning of her career as a writer. To this end, we will investigate the conditions and motivations that led her to journalism, as well as the connections between the press and literature in Brazil at that time. The analysis will include a concise interpretation of significant texts that shaped her trajectory at *Jornal do Brasil*, based on research data and the author's own reflections on her work in the press.

Keywords: Marina Colasanti. Literature. Press. Social life. Jornal do Brasil.

Introdução

Marina Colasanti é uma escritora ítalo-brasileira contemporânea, conhecida no universo literário por seus contos de fadas maravilhosos, cuja linguagem poética é a matéria que os instaura, transportando o leitor para um mundo imagético,

simbólico e metafórico. Com uma vasta produção literária que ultrapassa 60 títulos, Colasanti é uma voz que se impõe pela produção variada e constante, fortemente destacada por sua posição em defesa dos diretos e da emancipação da mulher, sendo uma das autoras mais aclamadas e premiadas da atualidade, detentora do *Prêmio Machado de Assis* de 2023, o mais antigo e importante prêmio literário do país, entregue pela Academia Brasileira de Letras desde 1941, pelo conjunto de sua obra. Embora seu percurso literário seja amplamente reconhecido e celebrado, a origem dessa trajetória reside em sua atuação no jornalismo, uma parte menos conhecida e pesquisada de sua carreira. Ao contribuir para diversos veículos de comunicação, Marina encontrou no jornalismo uma fonte secreta de inspiração para criar seus textos literários. Como ela mesma adverte: “Eu me fiz escritora no jornal. Eu aprendi a escrever no jornal, para o jornal”.⁴

Nesse sentido, este artigo se propõe a explorar o percurso de Marina Colasanti, destacando as características transgressoras de sua produção jornalística no *Jornal do Brasil* entre 1962 e 1973, um aspecto importante e ainda pouco explorado pela pesquisa acadêmica, que marca o início de sua trajetória como escritora. Para começar, investigaremos as condições e motivações que levaram Colasanti a ingressar no jornalismo, seguido por um panorama dos vínculos entre imprensa e literatura no Brasil. Além disso, oferecemos uma interpretação sucinta de alguns textos que marcaram sua trajetória no *Jornal do Brasil*, relacionando essas obras com dados de pesquisa e as próprias reflexões da autora sobre seu trabalho na imprensa. O intuito é mostrar o caminho que Colasanti trilha rumo ao despertar de sua vocação como escritora, ainda que tenha enfrentando desafios e

4 Informações retiradas do *Blog* de Marina Colasanti.

percalços, é também repleto de sensibilidade e criatividade.

Com dupla nacionalidade ítalo-brasileira, Marina Colasanti nasceu em 1937 na cidade de Asmara, capital da Eritreia, em meio a um contexto de guerra. Ao ingressar no jornalismo em 1962, tornou-se correspondente por intermédio do *Jornal do Brasil* em Roma, evidenciando, através de seus textos jornalísticos, uma perspicaz observação das questões relacionadas ao seu país de origem. Além disso, em sua extensa literatura é notável a verossimilhança com o contexto de seu nascimento, como exemplificado no poema “Só em mim ficou”, presente em *Mais longa vida* (2020). Em uma entrevista concedida ao canal “Sempre um papo”, mediada por Afonso Borges, em 2021, a escritora declamou o referido poema, enfatizando sua memorização e ressaltando sua importância como uma explanação singular de sua trajetória, argumentando:

A cidade onde nasci, na Eritreia, Asmara. É uma cidade muito alta, a mais de dois mil metros de altitude, portanto, fresca. A Itália quando colonizou ou ocupou a Eritreia. Depende de pontos de vistas. Eu prefiro dizer que ocupou, do que colonizou. Quando ocupou Eritreia, mudou a capital para Asmara, a capital era em Massala. Massala era muito, muito, muito quente. Os ingleses diziam que derretiam o tutano dentro dos ossos, o calor de Massala. E foi uma miragem a promessa que foi feita aos italianos, de uma permanência na África, foi uma miragem. Nasci em Asmara, porque meu pai foi voluntário nas guerras de conquistas, como eram chamadas na Itália [...]. Asmara era uma cidade fresca, por isso eles vestiam albornoz nas noites frias, pois quando saíam a noite tinham que ter uma proteção. [...] o albornoz de meu pai, eu o guardo até hoje, só usei uma vez. É preto bordado em seda e o da minha mãe, que era branco bordado em prata, foi embrulhando ela no caixão quando ela morreu (Colasanti, 2021).

No Brasil, em 1956, Marina Colasanti deu início à sua carreira profissional como artista plástica, abraçando-a como seu projeto de vida antes de ingressar no campo jornalístico. Proveniente de uma família imersa na arte, com uma tia cantora lírica e um irmão, Arduíno Colasanti, estimado pioneiro do surfe no Brasil e um dos principais atores e galãs do *Cinema Novo*, na década de 60, Marina já era uma personalidade conhecida antes mesmo de adentrar no jornalismo. Seu nome era frequente nas seções de “Notícias variadas” do *Jornal do Brasil*⁵, que ressaltavam artistas em destaque. Sua presença era constante tanto ao lado de seu irmão quanto nos eventos culturais no Rio de Janeiro, onde a arte e a cultura se entrelaçavam. Assim eram as notícias que cercavam Marina: “Assistindo ao filme *A ponte do Rio Kwai*, Ângelo Viváqua, acompanhado de Marina Colasanti”⁶; e nas seções de divulgação de Artes visuais em 1961, enquanto ainda exercia a profissão de artista plástica.

Foi em 1962 que Marina Colasanti iniciou sua trajetória no *Jornal do Brasil* como repórter do *Caderno B*, segundo a autora em uma entrevista à “TV ALERJ” em 2016, a motivação que a levou ao jornalismo foi a necessidade de independência: “Eu queria ser independente e, dificilmente, eu conseguiria isso com gravura e metal”⁷. Em sua obra *A disponibilidade da alma* (2023), Marina descreve o momento e os primeiros sentimentos ao ingressar no *Jornal do Brasil*:

5 Tais informações contidas no texto foram retiradas do arquivo GOV.BR, entre o período de 1960 a 1969. Disponível em < https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=030015_08&pagfis=41062>. Acesso em 30 abr. 2024.

6 Texto retirando do *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro em uma quarta-feira, 9 de março de 1960. Disponível em < https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=030015_08&pagfis=2454> . Acesso em 30 abr. 2024.

7 Fala de Marina Colasanti concedida ao canal TV ALERJ em 7 de junho de 2016.

Entrei na redação levando apenas uma bolsa pendurada no ombro, e óculos guardados na bolsa. Uma “foca” sem bola no nariz. Uma jovem principiante que havia feito um curso acelerado de datilografia para não passar vexame catando milho. Quase desamparada. Assim me apresentei, e assim me viram. Na hora eu não ouvi, nem meus colegas. Mas depois soube que comigo haviam entrado o menino Tom e o índio que o perseguia, os acordes do capitão Nemo ao órgão, o silêncio na cabeça de Ulisses enquanto via as sereias cantarem, o soprar do vento que colou a folha nas costas de Sigfrido, os rebanhos de carneiros em transumância na Provença de Giono, as pegadas dos Capitães na areia, uma galinha perseguida num domingo pela mão de Clarice, uma pedra no meio do caminho, o diabo no meio do remoinho, uma *Madeleine*, uma barba *indigo blue*, um gato de botas (Colasanti, 2023, p. 191).

Sua entrada no meio jornalístico aconteceu num período em que a profissão de jornalista ainda não era formalmente regulamentada⁸, evidenciando um tempo em que a literatura e a imprensa estavam fortemente entrelaçadas pela palavra escrita. Nesse cenário, as fronteiras entre as atividades de um escritor, um colunista ou um cronista de jornal eram fluidas e pouco definidas. No Brasil, essas interações se desenvolveram principalmente por meio de três formas literárias: o folhetim, a crônica e a crítica literária, esta última ainda sem a designação que viria a adquirir posteriormente. Conforme explica Mutter (2020)⁹, o folhetim teve origem na França no início do século XIX, sendo introduzido no Brasil na segunda metade do mesmo século. A crônica e a crítica literária ganharam destaque,

8 No Brasil as instituições de ensino superior oferecem cursos de jornalismo desde de 1940. Contudo, a profissão só foi regulamentada em 17 de outubro de 1969 através do decreto-lei N° 972.

9 Informações retiradas do texto Clarice Lispector na imprensa de Débora Mutter, 2020, p. 98.

respectivamente, pelos escritores José Veríssimo (1857 – 1916), Machado de Assis (1859 – 1900) e João do Rio (1881 – 1921) nos jornais do Rio de Janeiro durante a Primeira República.

Quando Marina Colasanti ingressou no *Jornal do Brasil*, tanto o meio jornalístico quanto o literário eram majoritariamente ocupados por homens, preenchendo ambos os espaços de forma eminente. Em uma entrevista ao canal “TV Cátedra UNESCO” em 2021, a autora destacou a escassa representatividade feminina no cenário editorial brasileiro, com apenas Lygia Fagundes Telles e Clarice Lispector: “E tem uma história da Clarice que contou para a Lygia uma vez: “Lygia, quando você der entrevista, não sorria, porque vão pensar que somos fúteis.” (...). Mas era só elas! E Hilda Hilst, que sofreu muito com a negação de sua poesia”¹⁰. Em um outro momento, Marina ressalta: “Só havia um banheiro feminino na redação do *Jornal do Brasil*. Isso já explica por que havia poucas mulheres”¹¹. A ausência ou invisibilidade das escritoras e das mulheres na história do jornalismo não era um fenômeno isolado; ao contrário, estava inserida em um contexto mais amplo, onde as mulheres eram sistematicamente excluídas dos núcleos de decisão e poder. A partir da segunda metade do século XX, começa a ocorrer uma mudança efetiva no contexto social, com o aumento do número de universidades e alterações políticas, econômicas e de valores que proporcionaram maior acesso das mulheres de classe média ao mercado de trabalho. De acordo com Duarte (2016)¹², o ano de 1980 marcou a “descoberta” do jornalismo feminino, tornando-se um tema de interesse acadêmico.

10 Entrevista de Marina Colasanti ao canal “TV Cátedra UNESCO” em 2021.

11 Entrevista de Marina Colasanti concedida ao canal “Depoimentos Cariocas” em 2022.

12 Parágrafo fundamentado nas concepções de Constância Lima Duarte em *Imprensa Feminina e Feminista no Brasil* (2016).

Além disso, todo o contexto histórico, social e cultural que marcou a trajetória de Colasanti no *Jornal do Brasil* (1962–1973) esteve sob a égide de regimes autoritários, culminando em uma censura extrema à liberdade de expressão na imprensa brasileira, ocasionada durante o regime militar (1964–1985). Nesse período, a imprensa enfrentou grandes desafios, e a criatividade dos jornalistas era frequentemente posta à prova, pois precisavam encontrar formas sutis de comunicar informações sem incorrer na censura. Na concepção de Besagio (2021), tanto a imprensa quanto as atividades culturais, artísticas e recreativas foram todas silenciadas pela censura que, por sua “própria natureza de ofício, desprezava os métodos democráticos” (Chinem, 1995, p. 15 *apud* Besagio, 2021, p. 64)¹³. Nesse cenário, ao contrário dos jornais convencionais, os *Cadernos* nasciam em 1960 “sob a influência de uma verdadeira guinada nas manifestações culturais no Brasil: era o surgimento das músicas da Bossa Nova, das manifestações literárias e artísticas do concretismo, e das arrojadas construções arquitetônicas da cidade de Brasília” (Lima, 2006, p.03).

O *Caderno B*, o segundo caderno do *Jornal do Brasil* (1960 – 1985)¹⁴, na concepção de Lima (2006), foi “um precioso espaço cujo papel de vanguarda, pelo conteúdo e forma” (Lima, 2006, p. 20) se firmou. Aqueles que compunham o quadro de funcionários da redação demonstravam coragem e resistência nas entrelinhas de seus escritos. Norma Couri, repórter especial e correspondente do *Jornal do Brasil* na época, destacou a importância do *Caderno B* durante o período da Ditadura Militar:

13 Parágrafo fundamentado nas concepções de Natália Martins Besagio em *Cálice: Censura e Violência na Ditadura Militar Brasileira* (2021, p. 64).

14 O *Caderno B*, do *Jornal do Brasil*, mantém sua relevância até os dias atuais. No entanto, este artigo se concentrará no período entre 1960 e 1973, que coincide com os anos da Ditadura Militar no Brasil (1964 – 1985), época em que Marina Colasanti atuava como jornalista.

Quem não viveu aqueles anos não faz a menor ideia do que era aquilo, era uma época de linguagem subliminar, de subtexto, para você conseguir passar as coisas, e quem geralmente conseguia isso era o *Caderno B*. A censura não estava focada ali, estava focada na primeira página, na política, na economia. E aí era uma censura acirrada mesmo, e o *Caderno B* começou... a sair pela culatra. Chico Buarque tendo as peças, as músicas censuradas, e não se podia falar, então você tinha que falar por outro lado, na boca de um ator saía alguma coisa, em um personagem. E todo mundo aprendeu a escrever assim, e as pessoas aprenderam a decifrar assim. Não era uma coisa alienada como hoje, você tinha gente fazendo reportagem, tinha matéria investigativa (Ribeiro, 2015, p.97)¹⁵.

Em algumas de suas entrevistas, Marina Colasanti evidenciou o desconforto de exercer a profissão de jornalista durante o regime militar. Segundo a autora, os censores vigiavam e conviviam com os editorialistas em uma sala em forma de ‘aquário’, cortando tudo o que os jornalistas escreviam, criando uma situação precária e angustiante. Nesse contexto, apenas um texto de Colasanti conseguiu burlar a censura da ditadura, a crônica “É”, publicada em um domingo no dia 03 de setembro de 1972 no *Jornal do Brasil*. Um ato de coragem e estripulia de Marina Colasanti contra a ditadura.

15 Fala de Norma Couri retirada da obra *Jornal do Brasil: História e memória* de Belisa Ribeiro (2015, p.97).

Marina Colasanti

É

Pisar na grama
Afixar cartazes
Cuspir no chão
O palavrão

A entrada a pessoas estranhas
A venda fora de envelope plástico
A ultrapassagem na linha interrompida
A mini-saia

Dirigir de tamancos
Falar ao motorista
Ter vasos na janela
Matar

Fumar nos primeiros bancos
Atravessar fora da faixa
Cobiçar a mulher do próximo
A umbigada

Ultrapassar esse limite
Arrancar flores neste jardim
O uso de aparelhos sonoros neste veículo
Tocar

Fazer barulho depois das 20 horas
Buzinar em frente ao hospital
Falar em voz alta
Conspirar

Dobrar à esquerda
Desrespeitar a autoridade
Revelar segredos de estado
Jogar lixo nas áreas comuns

O porte de armas
Fazer justiça pelas próprias mãos
Usar o nome de Deus em vão
Acender fogo em dia sagrado

Aos menores de 18 anos
Aos pobres de espírito
Aos homens e mulheres

É
Estacionar
Fugir
Acharcar
Mentir
Assassinar
Proibir

Fonte: *Jornal do Brasil*, Caderno B, 03 de setembro de 1972.

Embora definido no jornal como uma crônica, o texto de Marina Colasanti se assemelha a um poema com 9 estrofes, sendo 8 estrofes de 4 versos e 1 estrofe de 10 versos. Estruturado em forma de lista, como se fosse uma enumeração extensa de normas e proibições, apresentando a natureza burocrática e autoritária dos decretos e leis do regime militar. Utilizando uma linguagem concisa e direta, Colasanti transmite ao leitor um tom incisivo, predominando versos iniciados com verbos no infinitivo, como: “pisar”, “afixar”, “cuspir”, “dirigir”, “falar”, “ter”, “fumar”, “atravessar”, “fazer”, “usar”, “buzinar”, “conspirar”, “revelar”, “jogar” e outros. No poema, esses verbos sugerem uma estagnação da ação e uma imposição de restrições à liberdade individual. O recurso da ironia manifesta-se nos versos pela contraposição de ações triviais, como “Pisar na grama” e “Fumar nos primeiros bancos”, junto a ações mais graves, como “Assassinar” e “Proibir”, sublinhando a desproporção das proibições e a irracionalidade do autoritarismo. A inclusão de ações como “Conspirar”, “Desrespeitar a autoridade” e “Revelar segredos de estado”, ao lado de proibições corriqueiras, evidencia a denúncia contra a

criminalização do pensamento crítico e da dissidência política, controlados pelo regime tanto na esfera pública quanto na privada. Em uma entrevista para Belisa Ribeiro em 2015, Marina Colasanti declarou:

Na sala que era dos editorialistas antigamente sentavam-se os censores e a gente ficava trabalhando aqui vendo eles no aquário. Era muito desagradável. E várias matérias não passaram, várias crônicas minhas não passaram. As vezes o próprio Lemos (editor) segurava a crônica porque já sabia que não ia passar. Mas passou uma crônica muito alucinada que era assim: 'É'. Só 'É' no alto. E aí eu listei todas as coisas que são proibidas. Falar com motorista, a entrada de pessoas estranhas no serviço, não fazer barulho depois das dez horas. Fui listando todas as coisas proibidas sem usar a palavra proibido e só no fim botei PROIBIDO (Marina Colasanti, 2015)¹⁶.

Nessa medida, através de sua habilidade sutil ou não com as palavras, Colasanti resistiu e capturou de maneira atenta e crítica as rápidas transformações políticas e sociais ocorridas no Brasil, especialmente no contexto do universo feminino, onde desempenhou um papel ativo no *Caderno B*. Apesar de não ter experiência prévia em jornalismo no início de sua trajetória no *Jornal do Brasil*, Marina buscava aprimorar-se nas funções que desempenhava, trazendo consigo um conhecimento singular devido à sua formação europeia e vasto repertório de leituras. Sua habilidade na escrita não passou despercebida pelos editores do *JB*, que, em apenas dois meses, a promoveram para a função de *copydesk*, tradicionalmente ocupada exclusivamente por homens nos jornais. Assim, ela se tornou a primeira mulher no *Jornal do*

¹⁶ Informações retiradas do *Blog* de Marina Colasanti. Disponível em: < <https://www.marinacolasanti.com/2015/12/cronica-da-marina-colasanti-que-burlou.html> >. Acesso em: 16 jun. 2024.

Brasil a exercer o cargo de redatora, rompendo com barreiras de gênero. Em uma entrevista ao programa “Sempre um papo” em 2007, Colasanti descreveu sua experiência na função:

Copydesk não existe mais. E era uma instituição maravilhosa! Era o seguinte, na redação existiam... vou dizer de uma maneira politicamente incorretíssima. Existiam os escravos da reportagem e a elite do *copydesk*. O que não é verdade, o que estou fazendo é uma *blague*¹⁷. Mas estou dizendo elite, porquê? Porque no *copydesk*, o repórter ia lá e fazia as entrevistas, ia pautado. O chefe da redação fazia a pauta para ele, explicava tudo, pra ele não chegar e fazer como os repórteres de hoje em dia. Já me aconteceu e com Afonso também: - Como é mesmo o seu nome? O sujeito que está te entrevistando sabe nem quem você é. A gente preparava o repórter e ele ia. O repórter não tinha obrigação de ter um bom texto, tinha obrigação de ser atento, ser rápido, ser inteligente e de captar o que era necessário, e trazia pra redação. Aí aquilo ia para a mão do *copydesk*. Quem era o *copydesk*? Era um sujeito que só não tinha um texto de alta qualidade como era um sujeito de cultura. Era um sujeito de leitura. Era um sujeito de conhecimentos. Era um sujeito mais velho (os repórteres em geral são mais jovens) que tinha história, que tinha memória. E que podia pegar aquele texto e transformar aquele texto numa coisa muito prazerosa de ler. Um texto vibrante. Sabe? Com sabor (Marina Colasanti, 2007).

Estreando no *Jornal do Brasil* como redatora, em seu primeiro texto “Listas conduzem ao caminho da elegância” (1962)¹⁸, Marina Colasanti apresentou a história de duas amigas empreendedoras que inauguram uma *boutique* em Copacabana. O texto explorava a novidade em torno da ideia de *boutique*, algo

¹⁷ *Blague*, palavra de origem inglesa que significa observação ou relato que diverte, faz rir ou mostra senso de humor; piada; graça.

¹⁸ Texto do *Jornal do Brasil*, publicado em 16 de fevereiro de 1962, p.05.

incomum para a época, já que as mulheres geralmente recorriam a ateliês de costura para encomendar roupas sob medida, que fossem mais sofisticadas e de boa qualidade. Parte superior do formulário Parte inferior do formulário De maneira semelhante à narrativa de seus contos literários, Marina Colasanti habilmente envolve o leitor desde o primeiro texto ao jornal, estimulando a imaginação.

Na rua Barata de Ribeiro, uma lona listrada de azul e verde com um letreiro branco: Condotti. Condotti é o nome da *boutique* de Maria Lúcia Pinto e Sônia Ramalho, a caçula das *boutiques* de Copacabana. Sonia e Maria Lucia são amigas desde sempre, inseparáveis, juntas em todos os lugares, no Country Club, no Castelinho, na Vindobona. Cabelos pelos ombros, uma loira, outra morena, negativo e positivo, andar igual, trejeitos irmãos. Amigas como se pode ser aos 19 anos. Terminaram o curso clássico, resolveram trabalhar, mas havia de ser um trabalho que não as separasse. Daí à ideia da *boutique*, foi um passo (Marina Colasanti, *Jornal do Brasil*, 1962, p. 05).

Com frases bem elaboradas e fluidez na progressão do texto, Colasanti ambienta o leitor, oferecendo uma descrição detalhada típica dos textos literários, que busca criar uma imagem mais expressiva na mente do leitor, explorando as sutilezas das relações que envolvem as pessoas na reportagem, revelando mais do que o propósito da escrita jornalística objetiva. Além disso, ao fazer uso de metáforas e expressões figurativas, como “a boutique é a solução mágica”, recursos estéticos que, posteriormente, iria compor sua própria literatura, demonstra uma tomada de consciência acerca da condição de vida da mulher, refletindo sobre o contexto contemporâneo e as mudanças sociais em pleno desenvolvimento na época.

Na passagem “Instituição relativamente recente, a *boutique* pode ser encarada como fruto direto da vida feminina moderna”¹⁹, é possível notar o tom sugestivo de Colasanti, chamando a atenção do público leitor feminino para o futuro, para o trabalho e a independência financeira da mulher, visto que as mulheres não dispunham de muitas oportunidades de trabalho remunerado. A condição de vida da mulher ainda predominava no seio das casas, nos afazeres domésticos, no cuidar de filhos e marido. A independência financeira tornar-se-ia um fator fundamental para a liberdade de escolha da vida da mulher, uma vez que, como expõe Simone de Beauvoir (2009): “Foi pelo trabalho que a mulher cobriu em grande parte a distância que a separava do homem; só o trabalho pode assegurar-lhe uma liberdade concreta” (Beauvoir, 2009, p. 422). Isso era algo que a própria Marina Colasanti buscava ao ingressar no *Jornal do Brasil*.

Os textos de Marina Colasanti para o *Caderno B*, inicialmente, tratavam de temáticas relacionadas ao universo feminino. Esses textos ficaram conhecidos na imprensa como ‘Jornalismo Feminino’, pois abordavam assuntos considerados típicos do cotidiano das mulheres, como etiqueta, moda, culinária, beleza e questões domésticas. Essa escolha de temas estava condicionada por normas sociais e expectativas de gênero que historicamente restringiram as oportunidades profissionais das mulheres na imprensa. Segundo Ramos (2010), durante muito tempo o jornalismo foi predominantemente masculino, e as poucas mulheres que conseguiam entrar na profissão eram frequentemente limitadas a cobrir temas considerados “femininos” ou “leves.” Esse cenário refletia uma visão de mundo

19 Citação direta do primeiro texto “Listas conduzem ao caminho da elegância” publicado por Marina Colasanti no *Caderno B* do *Jornal do Brasil* em 1962.

que não via as mulheres como aptas a tratar de assuntos “sérios” ou “importantes,” como política, economia ou esportes. Além disso, havia a crença disseminada de que o público feminino estava mais interessado nesses temas, reforçando a ideia de que os interesses e as capacidades das mulheres eram restritos a essas áreas.

Nos textos de Marina Colasanti, a temática da moda, etiqueta e dicas sobre como uma mulher deveria cuidar da aparência, tinham como referência as tendências italianas e francesas, influentes na época pelo estilo e sofisticação. Essas influências internacionais, especialmente as italianas, não se restringiam apenas à moda, mas também englobavam o estilo de vida e os costumes. Colasanti incorporava essas referências para integrar suas próprias vivências e cultura que trazia enquanto jovem de origem italiana, entrelaçando suas memórias e experiências pessoais com a escrita. Além de escrever, Marina também ilustrava algumas matérias, descrevendo com precisão o uso de acessórios, como túnicas, *tailleurs* e *echarpes*, proporcionando aos leitores uma compreensão visual complementar, resultado de sua formação e experiência como artista plástica.

Imersa no universo da moda feminina, Colasanti também questionava e criticava em seus textos imposição de certas vestimentas para a mulher e a falta de poder de escolha das mulheres em relação ao uso de determinadas roupas, exaltando o uso das minissaias - “as mulheres marcham para a vitória alegremente, de joelhos de fora”²⁰ - e calças compridas. Em uma fala ao “Depoimentos Cariocas” em 2022, a autora relatou que ela

20 Citação do texto “A marcha das pernas que pensam” de Marina Colasanti, publicado no Caderno B em 19 de agosto de 1966.

e Léa Maria²¹ conquistaram o direito de usar calças na redação: “Lutamos para que as mulheres pudessem ir à redação de calças compridas, porque não era permitido ir de calça comprida (...). E Léa Maria e eu vencemos essa batalha”²².

Suas primeiras crônicas começam no *Caderno B* em 1964 para a coluna “Carioca quase sempre”, onde Marina Colasanti discorria por meio de uma linguagem irônica sobre o estilo de vida dos cariocas, descrevendo-os como cheios de ‘bossa’ pela capacidade de ver graça e beleza nas mesmas coisas, esbarrando nas mesmices todos os dias sem perceber. Além de descrever através de uma escrita agradável a passagem dos dias e a vida rotineira na cidade do Rio de Janeiro. Nesse período, Marina também atuava como tradutora de obras internacionais de renome, incluindo *O Pássaro Pintado* de Jerzy Kosinski, vencedor do “National Book Award” em 1968, além de *Vidas Vazias* de Alberto Moravia e *Flor de Agonia* de Christine de Rivoyre, entre outras mencionadas no *Jornal do Brasil*.

Escrevendo crônicas para o jornal, o leitor percebe o caminho que Marina Colasanti trilha até encontrar a verdadeira vocação de ser escritora. Em seus textos, a cada página de jornal, revela um olhar perspicaz para os aspectos mais cotidianos e triviais da vida, captando o que passava despercebido, embora estivesse sempre presente, isto é, nas palavras de Candido (2003), “tirando significado do que parece insignificante” (Candido, 2003, p. 90), materializando por intermédio de uma escolha criteriosa de palavras e explorando as especificidades da linguagem, a própria condição humana e as complexidades da existência na contemporaneidade. Um exemplo é a crônica “Eu sei, mas não devia”, publicada em 1972 no *Jornal do Brasil*, em que através de

21 Léa Maria foi colunista do *Caderno B*, onde colaborou com Marina Colasanti na produção e publicação de diversos textos sobre o universo feminino e moda.
22 Fala de Marina Colasanti concedida ao canal “Depoimentos Cariocas” em 2022.

uma voz observadora, Colasanti expressa seu descontentamento com o fato de nos habituarmos gradualmente a diversas condições adversas da vida cotidiana, descrevendo como um processo de adaptação resignada, em que as pessoas se acostumam a viver em ambientes limitados, a rotinas exaustivas e a aceitar condições desfavoráveis sem questionamento, trazendo uma reflexão que permanece atual.

Após a publicação do segundo livro de crônicas *Nada na Manga* em 1974, escritores como Carlos Drummond de Andrade e Antonio Carlos Villaça, até então colegas de redação, dedicaram seus respectivos espaços no *Jornal do Brasil* para escrever sobre as crônicas de Marina Colasanti. Com uma escrita comedida Drummond ressaltou: “O livro de Marina, este, não esconde suas riquezas. Ler sua prosa é desvendar uma inteligência sensível, atenta, aguda e fina como lâmina do melhor aço, penetrando o que é poesia, crueldade, beleza e absurdo combinados no viver de hoje”²³. Já Antonio Carlos Villaça, em um tom similar ao de um crítico literário, traçou uma distinção entre Marina Colasanti e a figura da *femme savante*, uma referência à comédia teatral *Les Femmes Savantes* (1672), do dramaturgo francês Jean-Baptiste Poquelin (1622–1673), mais conhecido como Molière. Com a expressão *Femme Savante*, Villaça se refere à mulher erudita, muitas vezes mais focada em estudos e teorias do que na expressão artística genuína. Sugerindo que Colasanti não buscava reconhecimento acadêmico ou autoridade teórica, mas sim oferecer ao leitor uma experiência literária marcada pelo calor humano e um olhar perspicaz para a realidade. Para o escritor, essa abordagem é semelhante à de Cecília Meireles, destacando a capacidade de Colasanti de enxergar a vida de

23 Passagem da crônica “Tudo ou nada na manga” de Carlos Drummond de Andrade, publicada em 19 de março de 1974.

maneira que transcende a mera erudição, colocando-a como uma artista que traz uma nova e profunda sensibilidade à literatura.

Marina observa tudo. Seus olhos se abrem gulosos para o cotidiano, como se abriam os de Cecília Meireles. Por que a visão poética verdadeira é realista. E se nutre de realidade, fatos, concretudes, e não de sonhos nem de livros. Não há aqui a *Femme savante*, não vejo nenhuma anotadora de livros, neste livro saboroso, que se lê com volúpia, de um só fôlego, assim como se fosse uma envolvente novela. Marina não é uma doutora: é uma artista. Veio das artes plásticas, veio da escultura. E ancorou muito bem, e para sempre, no trágico país da literatura, a que vem trazer um pouco da sua ternura humana, do seu calor, da sua capacidade de amar a vida (Antonio Carlos Villaça, *Jornal do Brasil*, 1974, p. 07)²⁴.

É na crônica, este gênero que entrecruza a realidade com a imaginação, que Marina Colasanti encontra sua vocação para a escrita literária e a forma para sua própria poética. Suas crônicas, ora reflexivas e críticas, ora poéticas, veiculadas no *Jornal do Brasil*, já apresentavam elementos que se tornariam marcas distintivas de sua estética literária. Um exemplo é a crônica “Bela Branca Rapunzel”, publicada em 1970, que exhibe as marcas de aspectos inconfundíveis da escrita colasantiana, apresentando uma narrativa altamente poética, simbólica e metafórica, com um ritmo que evoca a musicalidade dos contos de fadas da tradição oral. Envolta em um hibridismo de realidade e fantasia, utilizando referências intertextuais de personagens típicos dos contos de fadas, como Rapunzel e a figura da Bruxa, atrelada com as histórias de “A Bela Adormecida” e “Branca de Neve”. Referências mitológicas, como o mito de Penélope em seu tear e o mito de Sigfrido, bem como a presença de personagens da

24 Citação da crônica “Poesia, o tempo transformado” de Antonio Carlos Villaça, publicada em 09 de março de 1974.

literatura clássica, como Aquiles e Ulisses da *Odisseia* e *Ilíada* de Homero, e Jacó e Raquel da *Bíblia*, são incorporadas ao texto. Além disso, Colasanti faz uso do famigerado verso do poema de Carlos Drummond de Andrade, “E agora, José?”²⁵. Tais referências são utilizadas como um recurso simbólico para abordar questões contemporâneas e íntimas do universo feminino, convidando o leitor a refletir sobre a vida da mulher, seu destino e a busca por identidade e sentido em um tempo repleto de incertezas e desafios.

No entanto, a consciência de ser escritora veio verdadeiramente com o conto “Sete anos e mais sete”, publicado em 17 de junho de 1973, quando Marina substituiu Ana Arruda Callado na seção de contos infantis do *Caderno B*. Colasanti (2023) relata o momento em que descobriu sua habilidade para a escrita literária:

a ditadura, comendo solta. Ana Arruda – que viria a ser Callado -, editora do *Caderno I* (infantil) do *Jornal do Brasil*, é presa. Sei a data precisa porque no dia 15 escrevi uma crônica emocionada que para passar na censura resultou tão metafórica, a ponto de ninguém entender de que falava. Alberto Dines, editor do jornal, me pede para substituir Ana na editoria do *Caderno I*. Por razões éticas, e porque não tenho ideia de como lidar com essa área, decido deixar tudo como está tocando apenas o barco para a frente. E, tocando, chega o dia em que tenho um “buraco”, ou seja, um espaço sem matéria correspondente, que terá que ser resolvido até o dia seguinte. Tento pensar como uma professora primária e decido que dar algum trabalho para os pequenos leitores será ótimo. Já em casa, escolho reescrever um conto clássico trocando a ordem, para que as crianças o rearrumem. A ilustração, eu mesma farei. E por que estou contente de ter achado a solução, sento de alma leve diante da Olivetti

25 Referência ao poema “José” de Carlos Drummond de Andrade, publicado em 1942.

22 e começo a reescrever *A bela adormecida*. É aí que sou fisgada. Pois ao terminar de escrever, percebo ter gerado outro conto. Pensando continuar sentada no meu escritório, eu havia me transferido para aquele universo ao qual nunca havia imaginado pertencer. E a maravilha é tanta, que não quererei mais abandoná-lo (Colasanti, 2023, p. 182 – 183).

Apresentando elementos típicos dos contos de fadas clássicos, o texto “Sete anos e mais sete” viria a compor sua primeira obra de contos literários, *Uma idéia²⁶ toda azul*, publicada em 1979, marcando o ingresso de Colasanti em um universo predominantemente imaginativo e ficcional. Consolidando sua identidade como escritora e lançando as bases para uma carreira prolífica e influente na literatura brasileira contemporânea.

Considerações finais

Ao todo, Marina Colasanti produziu e publicou aproximadamente cerca de 200 textos para o *Caderno B* do *Jornal do Brasil* entre 1962 e 1973, compartilhando as páginas do jornal com escritores renomados da literatura brasileira como Clarice Lispector, Carlos Drummond de Andrade e Antonio Carlos Villaça. Seu período no *Jornal do Brasil* resultou na publicação de seus primeiros livros - *Eu sozinha* em 1968 e *Nada na manga* em 1973 - ambos no gênero crônica, muitas das quais foram inicialmente produzidas e veiculadas para o *Jornal do Brasil*.

Para o *Jornal do Brasil*, Marina Colasanti contribuiu como repórter, colunista, subeditora, secretária de texto, tradutora, cronista, ilustradora e editora do *Caderno Infantil*. Este período foi particularmente desafiador para a atuação jornalística e,

26 A palavra “idéia”, acentuada, porque tal formação era vigente antes do Novo Acordo Ortográfico, que passou a estabelecer o uso da palavra sem acento a partir de 1º de janeiro de 2009.

consequentemente, para as mulheres, uma vez que foi marcado por lutas e movimentos feministas em busca de igualdade de direitos e espaço na sociedade. Mesmo diante de um cenário onde a escrita era coibida pela censura, nota-se a resistência das palavras nos textos de Marina Colasanti, sempre atenta às mudanças do mundo e do Brasil, que viriam a definir sua vida futura como mulher.

O percurso jornalístico apresentado neste artigo marca o início da trajetória de Marina Colasanti como jornalista e escritora brasileira, através de textos importantes que produziu para o *Jornal do Brasil*, consolidadores e definidores de sua poética, demonstrando o processo de um despertar de uma escritora sensível e inteligente, profundamente envolvida pelo mundo que a cerca, comprometida e solidária com as causas sociais e mudanças ocorridas no tempo, especialmente aquelas relacionadas ao universo feminino. Desde seus primeiros escritos para o jornal, sua voz fortemente posicionada ecoou em defesa dos direitos das mulheres, bem como em questões universais que atravessam a existência humana, como a solidão, a incerteza e a busca por sentido, temáticas que decorrem também em sua literatura.

Embora sua passagem pelo *Jornal do Brasil* tenha terminado no ano de 1973, Marina Colasanti continuou sua trajetória como jornalista, migrando para a *Editora Abril*, onde atuou como 'Editora de Comportamento' na *Revista Nova*. Durante esse período, a autora manteve uma relação de diálogo com suas leitoras e se engajou ativamente nas causas feministas. Suas crônicas, iniciadas no *Jornal do Brasil* em 1964, persistem até os dias atuais, agora em seu *blog* pessoal, onde uma nova crônica, ou uma lembrada, é publicada a cada quinta-feira.

Referências

- BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo*. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BELISA, Ribeiro. *Jornal do Brasil: história e memória*. 1.ed. Rio de Janeiro: Record, 2015.
- BESAGIO, Natália Martins. Cálice: censura e violência na Ditadura Militar brasileira. *Em tempo de Histórias*, n.39, p. 55-68, jul./dez. 2021.
- CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: *Para gostar de ler crônicas*. Vol. 5. São Paulo: Ática, 2003. p. 89-99.
- COLASANTI, Marina. *Melhores crônicas: Marina Colasanti*. 1.ed. São Paulo: Global, 2016.
- COLASANTI, Marina. *A disponibilidade da alma*. 1.ed. São Paulo: FTD, 2023.
- COLASANTI, Marina. *Jornal do Brasil. Blog de Marina Colasanti*. Disponível em < <https://www.marinacolasanti.com/search/label/Jornal%20do%20Brasil>> . Acesso em 30 abr. 2024.
- DEPOIMENTOS CARIOCAS. Marina Colasanti. YouTube. 19 de abr. de 2022. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=eH22pktWrck&t=1104s> >. Acesso em: 10 jun. 2024.
- DUARTE, Constância Lima. *Imprensa Feminina e Feminista no Brasil: século XIX – dicionário ilustrado*. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.
- LIMA, Patrícia Ferreira de Souza. *Caderno B do Jornal do Brasil: trajetória do segundo caderno na imprensa brasileira (1960-85)*. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2006. 281f. Disponível em: < <http://objdig.ufrj.br/34/teses/PatriciaFerreiraDeSouzaLima.pdf>>. Acesso em 17 de jun. 2024.
- MUTTER, Débora. Clarice Lispector na imprensa: escrita híbrida e transgressões. *Letras em Revista*, v.11, n. 01, p. 97-107, jun./dez. 2020.
- RAMOS, Regina Helena de Paiva. *Mulheres jornalistas: a grande invasão*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2010.
- SEMPRE UM PAPO. Com Marina Colasanti. YouTube. 5 de nov. de 2007. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=xnHYrtPL02E&t=133s>>. Acesso em 30 abr. 2024.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

TV ALERJ. Perfil Marina Colasanti (bloco 1). YouTube. 7 de jun. de 2016. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=IVmexa-bv6g>>. Acesso em: 30 abr. 2024.

TV UNESCO. Na Cola do Selo – Entrevista com Marina Colasanti. YouTube. 21 de jul. de 2021. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=E5AdwGV2R8o&t=2558s>>. Acesso em: 05 mai. 2024.